

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL – DE(S)COLONIZANDO AS MEMÓRIAS DAS AMÉRICAS A PARTIR DO SUL GLOBAL

Prof.^a Dra. Ana Beatriz R. Gonçalves (UFJF)

Prof.^a Dra. Danae Gallo González (Justus Liebig Universität – Giessen, Alemanha)

Prof.^a Dra. Maria Eugenia Osorio Soto (Universidad de Antioquia – Medellín, Colômbia)

Organizadoras deste número

Esta edição da IPOTESI Revista de Estudos Literários, v. 26, n. 2, de ago./dez. 2022, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais, recebeu contribuições que estabelecem diálogos entre as comemorações dos bicentenários da independência dos países latino-americanos. Se as celebrações dos primeiros centenários latino-americanos se dedicaram a articular uma memória da independência centrada em identidades fundadas sob a ideia de uma comunidade imaginada, que é branca, católica e falante da mesma língua, seja português ou castelhano, as comemorações dos bicentenários promoveram outros tipos de articulações identitárias. Assim, considerando as propostas de Aníbal Quijano sobre a colonialidade do poder, que se refere à prolongação contemporânea das bases coloniais que sustentam a formação do capitalismo, de Rita Segato e María Lugones sobre gênero e colonialidade e de Boaventura de Sousa Santos quem em *Epistemologias do Sul* (2009) denuncia o sistema que se desenvolveu com a exclusão e o ocultamento de povos e culturas que ao longo da história foram dominados pelo colonialismo e pelo capitalismo, este número da IPOTESI coletou trabalhos que promovem discussões acerca dos processos de de(s)colonização das Américas, considerando sobretudo o Sul Global, não como lugar geográfico, mas como coalizão de culturas subjugadas pela colonialidade do poder.

Dentre os artigos que compõem esta edição da *Ipotesi*, Luciano Santos Neiva em “Bicentenário da Independência do Brasil – De(s)colonizando as memórias das Américas a partir do Sul Global” discute a construção discursiva a partir de micro-histórias, silenciadas ao longo da História, para se promover ranhuras na representação, para além das ideologias, por um novo espaço de enunciação: as epistemologias do Sul Global. Em “Recriações e ressonâncias: Caramuru e a polêmica d’A Confederação dos Tamoios em Gupeva: romance brasileiro (1861), de Maria Firmina dos Reis”, Natália Gonçalves de Souza Santos e Flaviana Barcelos de Castro analisam *Gupeva: romance brasileiro*, de Maria Firmina dos Reis, por meio da investigação das relações entre o referido romance e *Caramuru: poema épico do descobrimento da Bahia*, de José de Santa Rita Durão, à luz da estética do Romantismo brasileiro e das opiniões de José de Alencar expressas durante a polêmica em torno d’A Confederação dos Tamoios (junho a agosto de 1856). Fernando Tadeu Triques, em “Na eterna dependência de boas risadas e de mastigações facilitadas”. O livro *História do Brasil* (1932), de Murilo Mendes, apresenta quatro poemas sequenciados que preparam o propalado “grito” dado às margens do riacho do Ipiranga, considerado momento inicial da autonomia política do Brasil: “Fico”, “Preparativos da pescaria”; “Serenata da dependência”; e “A pescaria”. Servindo-se dos expedientes do satírico, apresentando outras perspectivas de leitura e de interpretação, Murilo Mendes executa uma espécie de desfile carnavalesco, destituindo os vultos históricos dos seus estáticos e convenientes pedestais. Em “As relações interseccionais entre literatura e história no romance *Essa Gente*, de Chico Buarque”, Adriana de Borges Gomes e Priscila Borges de Novaes analisam como História e Literatura dialogam no romance *Essa Gente* (2019), de Chico Buarque.

A revista IPOTESI também possui a seção “Outros Textos” com artigos que não são contemplados pelo tema do Dossiê, mas que possuem relevância na área dos Estudos Literários. Wellington Ricardo Fioruci e Fernanda Lair Zuconelli Machado da Silva em “Metaficção historiográfica em “Uma Carta De Bancroft” e “El Libro Perdido De Borges” propõem uma

análise da metaficção historiográfica, desenvolvida na teoria pós-moderna de Linda Hutcheon (1991), nos contos “Uma carta de Bancroft” do escritor brasileiro Milton Hatoum, e “El libro perdido de Borges” do autor argentino Mempo Giardinelli. Em “O confronto entre utopia e distopia em Bacurau“, Marcos Paulo de Araújo Barros e Marisa Aparecida Loures de Araújo Barros, pensam o filme Bacurau como uma narrativa onde se instaura a descrição do conflito entre utopia e distopia. A obra, vista pelo ângulo distópico, se passa em um futuro próximo, onde a crise social e civilizatória brasileira gera divisões territoriais e anulação de direitos humanos. No entanto, pelas lentes da utopia, é possível encontrar no filme um povoado pobre, mas marcado pela solidariedade, pelo respeito à diversidade, à força das mulheres, às liberdades individuais e pelo respeito à história e ao conhecimento. Tania Mara Antonietti Lopes em “Le livre des fuites, de J.M.G. Le Clézio e a permanência do romance” propõe uma reflexão sobre a permanência do romance como um gênero literário adaptável ao seu tempo. O livro explora o tema da linguagem e de uma escrita dialógica que registra a crise existencial de um autor que questiona a função da arte literária. O texto “A desumanização do indivíduo nas distopias de literatura de língua inglesa no século XX”, de Ricardo José de Lima Teixeira e Thamiris Rodrigues, trata dos processos de desumanização existentes nos romances Admirável mundo novo, de Aldous Huxley; Laranja mecânica, de Anthony Burgess; e Androides sonham com ovelhas elétricas?, de Philip K. Dick. Tauan Fernandes Tinti e Willy Nascimento Silva em “Indústria cultural e estetização de gênero em Fahrenheit 451” verificam as possibilidades da estetização de gênero na ficção científica distópica.

Os dois textos da seção “Tradução” completam o dossiê de traduções inéditas de Michael Riffaterre, professor de Literatura Francesa, presidente do Departamento de Literatura Francesa e Românica da Universidade de Columbia. O primeiro texto da série, “O inconsciente intertextual”, encontra-se disponível no volume 25, n. 1, de 2021.

Mariana da Silva Frauches, Nívia de Souza Costa e o Prof. Dr. Adauto Lúcio Caetano Villela traduzem “O Intertexto Desconhecido”, publicado originalmente em francês na revista *Littérature* nº41 (1981, p. 4-7) com o título “L’intertexte inconnu”. A tradução foi realizada no âmbito do curso de Letras-Bacharelado em Tradução da Universidade Federal de Juiz de Fora, no âmbito do Estágio Supervisionado de Tradução-Inglês, coordenado e supervisionado pela Profª. Drª. Sandra Aparecida Faria de Almeida, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, com revisão técnica da Profª. Drª. Charlene Martins Miotti, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

A tradução do artigo “Silepse” foi realizada pelo curso de Letras-Bacharelado em Tradução da Universidade Federal de Juiz de Fora, no âmbito do Estágio Supervisionado de Tradução-Inglês, coordenado e supervisionado pela Profª. Drª. Sandra Aparecida Faria de Almeida, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, e dela participaram os alunos: Carla Amorim Pereira, Gabriela Detoni Rodrigues, Gabriela Ragazzi Baptista Bulgarelli, Isadora Souza Aruante, Luana Campos Leal Rodrigues, Paulo Henrique Migliorelli Ribeiro e Vinicius Moraes Tiago. O estabelecimento do texto final e a revisão técnica foram realizados pela Profª. Drª. Charlene Martins Miotti, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Na seção “Criação Artística” esta edição da *Ipotesi* conta com os poemas “Trilogia funesta”, de Rogério Lobo Sáber e “À resistência, Carolina!”, de Antônia Amélia Barbosa.

Os textos aqui apresentados oferecem a oportunidade do debate acadêmico, assim como a fruição estética da leitura de poemas e de ficção.

Boa leitura!